

CORRESPONDÊNCIA DE GARRETT A RODRIGO DA FONSECA MAGALHÃES

Sérgio Nazar David
UERJ

Juliana de Souza Mariano
UERJ

RESUMO:

Trata-se da edição de duas cartas de Garrett integradas à edição crítica da Correspondência a Rodrigo da Fonseca Magalhães, a ser publicada pela Imprensa Nacional – Casa da Moeda, na coleção Obras de Almeida Garrett, sob a supervisão geral de Ofélia Paiva Monteiro. Integrarão o volume 68 cartas de Garrett, transcritas, anotadas, ordenadas e com texto fixado.

PALAVRAS-CHAVE:

Correspondência, Almeida Garrett, edição crítica.

ABSTRACT:

This is the edition of two letters from Garrett built the critical edition of the correspondence to Rodrigo da Fonseca Magalhães, to be published by Imprensa Nacional-Casa da Moeda, works in the collection of Almeida Garrett, under the general supervision of Ofélia Paiva Monteiro. Integrate the volume of Garrett 68 letters transcribed, annotated, sorted and fixed text.

KEYWORDS:

Correspondence, Almeida Garrett, critical edition.

I. As edições críticas das obras de Garrett e as cartas a Rodrigo da Fonseca Magalhães

A edição crítica da *Correspondência a Rodrigo da Fonseca Magalhães* (de Almeida Garrett) é um trabalho integrado às atividades da “Equipa Garrett”, coordenada por Ofélia Paiva Monteiro, do Centro de Literatura Portuguesa, Faculdade de Letras Universidade de Coimbra. Da coleção, que vem sendo editada pela Imprensa Nacional-

Casa da Moeda, já saíram quatro volumes: *O arco de Sant'Ana, Da educação, Viagens na minha terra e Correspondência familiar*.¹

As cartas de Garrett a Rodrigo se encontram hoje no Espólio Rodrigo da Fonseca Magalhães.² Só algumas cartas apresentam sumário, muito incompleto. Há outros problemas de organização: a numeração das cartas não é sequencial; a maioria delas tem datação incompleta; e a maior parte das datações (feitas pelo conteúdo das cartas) encontrava-se com interrogações (feitas por quem tratou o espólio).

Há nesta caixa também cartas de Rodrigo para Garrett; e cartas de Garrett com escrita cruzada (semelhantes a algumas dirigidas à Viscondessa da Luz, ao irmão Alexandre e à filha Maria Adelaide).

Em Coimbra, na Sala Ferreira Lima (Espólio Garrett), há 19 cartas de Rodrigo a Garrett, em bom estado de conservação.

O volume que ora planejamos, a ser entregue à IN-CM em 2014, trará 67 cartas inéditas autógrafas de Garrett a Rodrigo da Fonseca Magalhães. Algumas cartas da caixa 42 foram descartadas, pois são de Garrett a outras pessoas (uma a Joaquim Larcher), ou de outras pessoas a Rodrigo (quatro de A. P. Lopes de Mendonça).

II. Quadros das cartas de Garrett a Rodrigo da Fonseca Magalhães

¹ O quinto volume, já no prelo, *Narrativas incompletas* (ed. de Ofélia Paiva Monteiro e Maria Helena Santana), enfeixará *Memórias de João Coradinho, Helena* e outros fragmentos deixados inacabados por Garrett.

² E 21, BNP, Lisboa, cx. 42.

QUADRO I
SITUAÇÃO INICIAL DO TRABALHO

CARTAS DATADAS	CARTAS PARCIALMENTE DATADAS	CARTAS NÃO DATADAS
10, 13, 20, 22, 25 e 75.	2, 4, 5, 6, 9, 11, 12, 14, 17, 18, 19, 21, 23, 24, 26, 27, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 51, 52, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 68, 69, 71 e 72.	1, 3, 15, 16, 30, 50, 54, 65, 67, 70, 73.
TOTAL: 6	TOTAL: 50	TOTAL: 11

QUADRO II
SITUAÇÃO ATUAL DO TRABALHO

CARTAS DATADAS	CARTAS PARCIALMENTE DATADAS	CARTAS NÃO DATADAS
4, 10, 12, 13, 20, 22, 23, 24, 25, 27, 31, 32, 34, 35 e 75.	1, 2, 5, 6, 9, 11, 14, 15, 17, 18, 19, 21, 26, 33, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 51, 52, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 68, 69, 71, 72.	3, 16, 30, 50, 54, 65, 67, 70 e 73.
TOTAL: 15	TOTAL: 43	TOTAL: 9

Observações:

Os *itálicos* (1, 4, 12, 15, 23, 14, 17, 31, 32, 34 e 35) indicam mudança de coluna em relação ao quadro anterior. Foram datadas ou parcialmente datadas por nós, após cruzamentos de informações e inferências a partir do conteúdo de cada carta.

As cartas sublinhadas (2, 6, 9, 14, 33 e 68) continuam parcialmente datadas, mas já conseguimos identificar o ano ou o período provável em que cada uma foi escrita.

III. Rodrigo da Fonseca Magalhães

Rodrigo da Fonseca Magalhães (1787-1858), o destinatário, amigo de vida inteira de Garrett, foi dos políticos mais importantes dos anos 40 e 50 do século XIX em Portugal. Estudou em Coimbra, antes de Garrett, iniciou-se na Maçonaria, combateu ao lado de Gomes Freire de Andrade (1817), ficou escondido em Lisboa até 1819, quando embarcou clandestinamente para o Brasil (Pernambuco), de onde retornou em 1822. Na sequência da Vila-Francada (1823), é demitido do lugar de oficial da Secretaria de Estado dos Negócios da Justiça (que obtivera em 1822 por concurso), posto ao qual só foi reintegrado em 1825, quando então retornou a Lisboa. De 1828 a 1832, esteve, como tantos outros liberais ilustres, no exílio. Em meados dos anos 1830 inicia-se a correspondência com Garrett. Mas a maior parte das 67 cartas de Garrett da BNP, ao que tudo indica, é mesmo do período de 1841-1852.

Rodrigo retorna a Portugal definitivamente após o desembarque do Mindelo, em 1833. A partir de então toma parte em vários ministérios, colabora em jornais (*A Aurora*, *O Pacote de Portugal*, *A Revista*, *O Lusitano*), sempre fiel à arte “pasteleira” que o celebrizou (de ordem e conciliação). Nunca pertenceu a partidos, grupos ou facções. Afora a “família portuguesa toda inteira”, dizia, “apenas pertenço a mim mesmo”. Foi deputado em várias legislaturas: pelo Minho (de 1834 a 1836); por Santarém (de 1838 a 1840); depois Lisboa (de 1840 a 1842); Estremadura (de 1842 a 1845); e Trás-os-Montes (em 1846). Em 1851, com a Regeneração, ascendeu a posições de maior proeminência na vida política.

Vencida a ditadura cabralista, o Duque de Saldanha compreendeu que era impossível uma “regeneração genuína” do liberalismo – como queria Alexandre Herculano –, e pôs Rodrigo na pasta do Reino do primeiro governo regenerador, empossado em 7 de julho de 1851. Aos poucos, os regeneradores vão conquistando apoios: *A Revolução de Setembro*, por exemplo, que durante anos tinha sido o jornal da imprensa mais radical (de inspiração republicana), onde campearam António Rodrigues Sampaio (o “Sampaio da Revolução”), Latino Coelho e A. P. Lopes de Mendonça, adere inicialmente em seus “artigos de fundo”. Mais tarde, em 1853, com a morte da

rainha D. Maria II, também A. P. Lopes de Mendonça, um dos maiores opositores da Regeneração – a que chegou a chamar, nas páginas d’A *Revolução de Setembro*, “absolutismo empacotado” – irá render-se à política de conciliação, de melhorias materiais e dos caminhos de ferro. Não por muito tempo, é verdade. Com o fim do Ministério Saldanha, em 1856, Mendonça volta à oposição (DAVID, 2007, pp.37-61).

Garrett foi afinal Ministro de Negócios Estrangeiros de 4 de março a 17 de agosto de 1852. É na sequência da saída de Garrett do ministério que Garrett e Rodrigo rompem. E não reatam mais a amizade.

Garrett morre em 9 de dezembro de 1854. Rodrigo compareceu ao funeral e ao sepultamento. É-lhe atribuído o famoso chiste que do Cemitério dos Prazeres corre até hoje os anedotários. Segundo Gomes de Amorim (autor de monumental biografia de Garrett em três volumes), teria gerado indignação à época: “Morreu abraçado à Cruz, com os olhos na Luz.” Foi no Cemitério dos Prazeres, segundo Gomes de Amorim, que Rodrigo “proferiu (...) [o] epigrama” (AMORIM, 1884, p.687).

Rodrigo talvez se referisse à amiga D. Maria Kruz (esposa de D. Pedro Pimentel de Meneses Brito do Rio, testamenteiro de Garrett) – famosa à época por seus salões intelectuais, que Garrett frequentou, à rua Formosa (hoje rua do Século) –, mas também ao Cristianismo, que o autor das *Folhas caídas* abraçava, por princípios e educação, recebida nos tempos do tio D. Frei Alexandre da Sagrada Família (1737-1818), bispo de Angra do Heroísmo (Açores). O epigrama de Rodrigo, em sua segunda parte, evoca certamente os amores de Garrett com Rosa Montufar Barreiros (1815-1883), a bela andaluza, filha dos marqueses de Selva Alegre e mulher do oficial do exército português António Velez Barreiros, Barão (em 1847) e depois Visconde (em 1854) de Nossa Senhora da Luz (GARRETT, 2007).

Rodrigo faleceu em 11 de maio de 1858. No leito de morte, teria dito: “Nasci entre brutos, vivi entre brutos, morro entre brutos”.

IV. Critérios de edição

Temos procedido a uma fixação textual e a um aparato crítico-genético, baseados nos seguintes princípios genéricos: a) estabelecimento de um texto-base (no caso da correspondência, inédita, a Rodrigo, a lição manuscrita); b) aparato com registro de variantes apenas nos casos de emendas do próprio Garrett no manuscrito, colocado em rodapé; c) modernização ortográfica do texto garrettiano sempre que não apague formas que assinalem, num momento em que a língua não estava submetida ainda a sistematização normativa, realizações fônicas distintas das atuais ou devidas a razões

estilísticas; d) manutenção da singularíssima pontuação garrettiana, a não ser em casos em que o ajuste se fizer necessário para esclarecimento do sentido da frase.

Os critérios gerais enunciados indicam o caráter moderadamente conservador da transcrição textual levada a cabo: deseja-se oferecer um texto-base de leitura facilitada pela eliminação de marcas ortográficas oitocentistas irrelevantes (por exemplo, consoantes duplas), mas quer-se que ele mantenha a “cor histórica” representativa de um dado momento da evolução da língua ou de uma preferência de Garrett, possuidor de apuradíssimo sentido da eufonia, dos valores semântico-estilísticos das palavras, da variedade idioletal do português.

O objetivo maior desta edição, destinada naturalmente a leitores exigentes, é que, oferecendo-lhes um texto estabelecido com a preocupação do rigor, torne-se um instrumento de trabalho seguro e enriquecedor, digno do lugar que Garrett ocupa no patrimônio da cultura e das letras luso-brasileiras.

V. Carta de Garrett a Rodrigo de 30 de julho de 1841

*Sexta-feira de manhã*³

Rodrigo

Não sei até que ponto estás mal comigo por eu tomar desforço das injúrias que me fizeram e disseram; mas faço-te a justiça de crer que não te abaixas a tomar parte nas infames vinganças que se estão tomando.

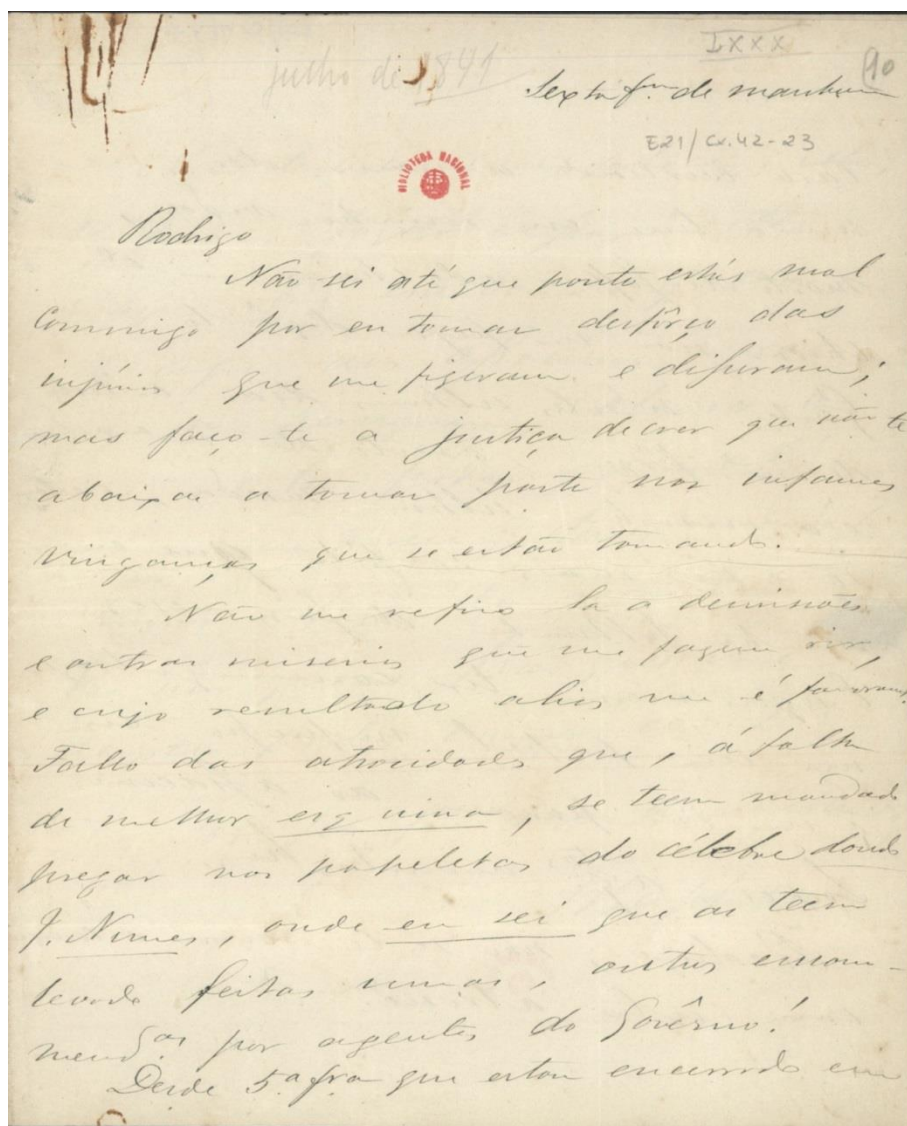
*Não me refiro só a demissões e outras misérias que me fazem rir, e cujo resultado aliás me é favorável. Falo das atividades que, à falta de melhor esquina, se tem mandado pregar nas papeletas do célebre doudo J. Nunes, onde eu sei que as têm levado feitas umas, outras encomendadas por agentes do Governo!*⁴

³ Carta de [30 de Julho de 1841]. Ver DAVID, 2007. Integra o Espólio Rodrigo da Fonseca Magalhães, E-21/Cx.42-23.

⁴ Rodrigo da Fonseca Magalhães, neste tempo, integrava (com a pasta de Negócios Estrangeiros) o Ministério chefiado por Joaquim António de Aguiar (presidência e Reino): António José D’Ávila (Fazenda), José Ferreira Pestana (Marinha), Conde de Vila Real (Guerra), António Bernardo da Costa Cabral (Justiça). Em carta de 3/4/1842, ao irmão, Alexandre José, Garrett regista: “Eu deixei de apoiar o Ministério desde que ele absolutamente declarou, por seus actos, que queria governar no *interesse exclusivo* de um partido.” (GARRETT, 2012, p. 203). Em carta a Manuel Rodrigues da Silva Abreu, de 12/4/1842, declara: “Desagrada-me o estado das cousas e a tendência dos homens. Sou *pasteleiro* pelo coração e pela cabeça: sentimento e reflexão me fazem desejar e crer que não seja nacional nem fixo todo o governo exclusivo e intolerante. [...] Portugal não é dos setembristas nem dos cartistas, é dos portugueses [...] Sustente-se a Carta; mas seja bandeira de paz e de união e de nacionalidade – não vexilo de discórdias, balsão de despiques, bandeirola de vingancinhas mesquinhas de bairro e bairristas.” (GARRETT, 1904, pp. 58-60).

Desde 5ª feira que estou encerrado em casa curtindo a maior dor que ainda tive em minha vida, morto de sofrer e de chorar – de chorar, não me peja dizê-lo.⁵

Gastei nestes últimos dias o resto de minha força, o resto da minha cabeça e a minha última moeda; e estou só e sem mais conforto que a minha filhinha de seis meses⁶. E aqui vieram ter comigo trazer-me um papel impresso em que me comparam ao assassino Lopes, a quantos monstros há, ...



1º fólio da carta de Garrett a Rodrigo da Fonseca Magalhães – BNP, E21/Cx.42-23

⁵ Referência à morte de Adelaide Deville (decorrida em 26/7/1841, segunda-feira). O sepultamento, tudo leva a crer, decorreu na quarta-feira (dia 28/7/1841). Por isso, Garrett declara que desde quinta-feira (dia 29/7/1841) não sai de casa. É, portanto, a carta de 30/7/1841. Ver GARRETT, 2012, pp. 203-206.

⁶ Referência à sua filha, Maria Adelaide de Almeida Garrett, que nasceu em 12/1/1841. Maria Adelaide foi registada com “filha natural do Consilheiro João Baptista de Almeida Garrett”, em 15/3/1841. Sobre as circunstâncias do nascimento, perfilhação e legitimação de Maria Adelaide, bem como sobre sua educação e o casamento com o Dr. Carlos Guimarães, ver GARRETT, 2012, pp. 76-84/pp. 375-376.

Rodrigo, não se te revira o coração com esta atrocidade?

Não te creio cúmplice. Mas tu podes fazer cessar estas vilezas, porque esse doudo que serve de capa aos assassinos morais que me perseguem⁷ obedece-te e tu podes, e – até me parece que deves mandá-lo chamar e fazê-lo recantar. Eu não quero senão que me deixem pelo amor de Deus.

Sou sempre teu amigo velho do Coração,

JBaptista

VI. Carta de Garrett a Rodrigo de 22 de outubro de 1841

*Rua do Alecrim 42,
22 d'Outubro⁸*

Rodrigo – Tu sabes que eu estou na oposição ao teu gabinete⁹, 1º pelo sistema exclusivo que vocês intenderam dever adoptar ultimamente, e que decerto não era o teu princípio nem dos teus colegas; – 2º por motivo de obrigação pessoal e de capricho pela proscricção do pobre Conservatório¹⁰. Zanguei-me, desforcei-me das desatenções que me fizeram: mas o estado actual das coisas não faz vontade de procurar embaraços a nenhum Governo do Reino seja ele qual for. As aflições domésticas que têm chovido sobre mim ainda mais me quebram. – Ultimamente perdi minha mãe: era¹¹[m] ela e outra pessoa que também perdi há pouco as duas criaturas que eu mais amava neste mundo. Agora tenho só a minha filha¹². Não falemos nisso. Vamos ao caso. O teu presidente

⁷ No manuscrito: “perseguem, obedece-te.”

⁸ Carta de 22 de outubro [de 1841]. Ver E 21, BNP, Lisboa, cx. 42. Integra o Espólio Rodrigo da Fonseca Magalhães, E-21/Cx.42-24. Amorim informa que Garrett mudou-se para a casa da rua do Alecrim no início de 1841. Ver AMORIM, 1884, p. 662. Ferreira Lima informa que Garrett mudou-se para esta casa após o baptismo da filha, Maria Adelaide de Almeida Garrett (15/3/1841) e antes do falecimento da mãe da menina (Adelaide Deville, 26/7/1841). Ver LIMA, 1939, p. 11.

⁹ Rodrigo era Ministro de Negócios Estrangeiros do gabinete presidido por Joaquim António de Aguiar (que também tinha a pasta do Reino). António Bernardo da Costa Cabral esteve neste tempo na Justiça. O gabinete, instaurado em 9/6/1841, durou até 7/2/1842. Esta carta, só pode, portanto, ser de 22 de outubro de 1841.

¹⁰ O Conservatório Real de Lisboa teve autorização para funcionar em 5/12/1837 e abriu as portas em Janeiro de 1838. Os estatutos só foram aprovados em 24/5/1841. (VASCONCELOS, 2003, p. 66.) Garrett é demitido dos cargos de Inspector Geral dos Teatros, Presidente do Conservatório e Cronista-Mór do Reino em 16/7/1841. Amorim regista: “Embora estivesse no Ministério o seu amigo Rodrigo, que mais tarde levou a tolerância política até ao excesso, a cólera de Ávila [Fazenda], reunida à má vontade de Aguiar [presidência e Reino], prevaleceram sobre o voto de alguns outros colegas.” (AMORIM, 1884, p. 645).

¹¹ era] <que> era

¹² D. Ana Augusta morreu em 18/7/1841 (em Angra do Heroísmo). Adelaide Deville, a “outra pessoa” referida, que passou a viver com Garrett já pouco depois de este ter retornado da Bélgica (em 1836,

Ed1/Cx. 42-24 XVI
 grande morte a deus?
 Rodrigo da Fonseca Magalhães
 Rio de Janeiro 22 de Abril

Não sei se sabes que em vitoria me oppoz ao
 teu gabinete, 1.º pelo systema exclusivo que tu
 intenderam deves adoptar ultimamente, e que
 de certo não em a teu ao principio nem dos teus
 collegas. 2.º por motivo de obrigação pessoal e de
 capricho pela proscripção do pobre Conservatório.
 Lançuei-me, desforçei-me das desatencões q' me
 fizeram: mas o estado actual das coisas não
 faz voltar de procurar embaralhar a nenhum governo
 do Brasil se não elle q' quer for. Malheças, domes-
 tricos que se não cheiram sobre mim ainda não
 me quebram. Ultimamente poro' minha
 mãe: # era ella e. outra pessoa q' também
 se não ha pouco os deus crutinos e ed
 mais amora n' este mundo. Agora também
 a minha filha. Nas fultimas n' este
 vicio ao caso. O teu prezo da q' ou
 por odio e figadal e rancor inexplicavel
 estende a mi fante não já só a
 mim - que todavia lho não provoço - mas
 ao desgraçado Conserv. q' e' innocente ainda
 das culpas q' eu tivesse e se as tivesse
 e a um pobre secretario que alli ha
 Lima, que e' setembrista sim, mas moderado
 e que decerto não tem comigo nem
 nem relações algumas nem o mais
 teve parte em qualquer coisa que

1º fólio da carta de Garrett a Rodrigo da Fonseca Magalhães – BNP, E21/Cx. 42-24

do Governo¹³ por ódio figadal e rancor inexplicável estende a sua sanha não já só a mim – que todavia lho não provoço – mas ao desgraçado Conservatório que é inocente ainda das culpas que eu tivesse – se as tivesse, e a um pobre secretário que ali há[,] Lima, que é setembrista sim, mas moderado e que decerto não tem comigo nem

separado de Luísa Midosi), faleceu em 26/7/1841. Garrett teve com Adelaide dois filhos (Nuno e João) e uma filha (Maria Adelaide). Só esta última atingiu a idade adulta. Ver GARRETT, 2012, pp. 76-84.

¹³ Joaquim António de Aguiar (ver nota 9).

relações algumas nem a mais leve parte em qualquer coisa que faça ou tenha feito ou diga.

O Conde do Farrobo¹⁴ (que tu conheces, creio eu bem) tem lá suas turras com o dito Lima sobre a censura de uma peça que lhe reprovou o honrado homem do Serpa Machado.¹⁵ E em desforra disso foi dizer (ou escrever) ao mesmo Ministro¹⁶ que eram dificuldades suscitadas por mim, que por traz da cortina estava regendo a repartição.

Ora isto é redonda mentira. Eu nem quero nada com tal Conservatório; já basta, não tornava para semelhante lugar fosse ministro quem fosse, por coisa nenhuma do mundo. Propósito firme de que me não mudo e que tenho dito a todos para me comprometer¹⁷ e ressaltar contra alguma fraqueza futura. – Demais tenho sido tão escrupuloso e até teimoso nesta resolução de me abster para sempre de tudo aquilo, que nem o mais leve conselho ou opinião tenho querido dar sobre muitos negócios correntes que ali havia e que era bem natural perguntarem-me. – É falsíssimo isto tudo.

Outra porcaria alegaram ao Ministro e é que a minha suposta malquerença (que não houve nunca) provinha de se não efectuar certa transacção (creio que por estas mesmas palavras). – Ora esta transacção que eu sem dúvida quis efectuar e que senti não conseguir era a de fazer com que essa gente que por aí escreve[,] melhor o Herculano, o Castilho etc.[,] trabalhassem para o teatro nacional, e queria segurar-lhes vantagens certas para que eles se dessem de preferência a esse género. Os meios indirectos dos pequenos prémios do Conservatório, da lei de propriedade literária¹⁸ que propus, eram pequenos demais e remotos. Por duas vezes tive com a Empresa da Rua dos Condes adiantada essa transacção. De uma delas, decerto, e não sei se de ambas, – o Leal (o Recto) andou metido nisso. Ele, o Herculano, o Castilho o sabem: tenho documentos de alguns. O fim era e é nobre[,] louvável. Não era demais para fazer valer os meus trabalhos dramáticos. E se fosse onde estava o mal? – Provam que

¹⁴ Referência a Joaquim Pedro Quintela (1801-1869), Conde de Farrobo, grande capitalista e mecenas das artes, proprietário do Teatro das Laranjeiras, principal espaço privado destinado à representação na Lisboa oitocentista. Viveu no exílio e contribuiu para a campanha liberal em 1833. Ver VASCONCELOS, 2003, pp. 53-55; VALENTE, 2007, p. 109-10.

¹⁵ Manuel de Serpa Saraiva Machado (1784-1858). Professor e diretor da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra; membro da Maçonaria; deputado por várias legislaturas e par do reino por Carta Régia de 1842. De sua atuação, na década de 1840, como político liberal deve-se destacar o apoio incondicional ao cabralismo. Ver MÓNICA, 2005, pp. 684-686.

¹⁶ Aguiar (ver nota 9).

¹⁷ comprometer] comprometer <de p>. Provavelmente, Garrett escreveria “comprometter de prompto”.

¹⁸ A Lei de Propriedade Literária foi apresentada à Câmara em 1839 por Garrett. O projeto foi discutido em 1840, mas só foi sancionado e publicado no *Diário do Governo* em 18/7/1851, já na Regeneração. Ver REBELLO, L. F., “Propriedade Literária”. In: BUESCU, 1997, pp.440-1. Antes disso, “qualquer a podia reimprimir, vender, representar se era obra dramática, usar dela enfim como coisa sua, ou coisa de ninguém que tanto vale” (GARRETT, 1963, p. 1.211).

não era por mim: 1º que o que recebi do Gil Vicente¹⁹ [,] peça que deu alguns centos de mil reis ao teatro – o entreguei no cofre do Conservatório (e tenho recibo)²⁰ para que se não dissesse que o Inspector Geral dos Teatros recebia, nem legitimamente, cinco reis dos teatros. 2º – Que insisti sempre nos prémios para os autores (prémios que nunca me podiam aproveitar) que por trabalho e auxilio meu os fiz dar a todos eles, corrigindo-lhes as peças, etc. – Enfim tudo isto é uma infâmia.

Foram ao Sr. Aguiar com outros mexericos indignos – que livros vai e livros veem do depósito. – Não há um livro só que eu trouxesse do depósito para mim. E podia fazê-lo legitimamente. – Para o Conservatório foram pouquíssimos, que escolheu o Herculano, e arrecadou um outro secretário que seria então – nunca eu – e sei que estão todos. E já o há-de saber com certeza o Ministro.

Ora tudo isto não vale nada; e a falar a verdade eu devia desejar que viessem a público todas estas calúnias que posso destruir triunfantemente. – E se me continuarem com esta guerra surda – hei-de reclamar um processo solene, porque lhe não tenho o menor receio ao contrário. – Mas estou causado, falo-te a verdade – de tanto moer, e tomara eu tempo para me ocupar dos meus negócios que muito precisam de mim. – Eu sei que o teu Aguiar é homem de rancores e vinganças. Mas também sei que isto são mexericos de gente ruim – porque ele não as inventou as tais porcarias.

Ora eu tenho feito uma oposição de água doce; e não ta quero vender por amizade. – É porque estou cansado e porque realmente as circunstâncias pesam numa coisa que eu tenho chamado consciência. É para se me andar a fazer esta guerra traiçoeira e pouco nobre?

O pobre do Lima é pobre, e a bagatela que por ora tem daquele secretariado sei que lhe fará falta. Não mo disse ele, nem lhe falo nisso, nem em coisa nenhuma do tal Conservatório. Mas sei isto e doe-me que por minha causa lho tirem: e é o que decerto lhe faz, por ódio a mim, o teu colega do Reino,²¹ se tu lhe não moveres o duro coração.

Ora eis aí o que te peço que faças, porque em verdade é injustiça e sem razão.

E por mim agradeço-to como se fosse grande coisa. – Tomara eu que tu deixasses de ser Ministro (isto é não desejo nem a ti nem aos outros, mas algum dia deixarás de ser) e verás se alguém é mais teu amigo do Coração do que

JBaptista de Almeida Garrett

¹⁹ *Um auto de Gil Vicente* estreou no Teatro da Rua dos Condes em 15/8/1838. Foi o maior sucesso do teatro de Garrett. Voltou à cena várias vezes nos anos subsequentes. Ver VASCONCELOS, 2003, p. 101-2.

²⁰ Garrett, de facto, cedeu, segundo Amorim, todo o lucro da peça para o Conservatório Dramático. Ver AMORIM, 1884, p. 385.

²¹ Aguiar. Ver nota 9.

REFERÊNCIAS:

AMORIM, Francisco Gomes de. *Garrett – Memórias biográficas*. 3 vol. Lisboa: Imprensa Nacional: 1881-1884.

BUESCU, Helena Carvalhão (coord.) *Dicionário do romantismo literário português*. Lisboa: Caminho, 1997.

DAVID, Sérgio Nazar. *O século de Silvestre da Silva. Vol. 1. Estudos sobre Garrett, A. P. Lopes de Mendonça, Camilo Castelo Branco e Júlio Dinis*. Lisboa: Prefácio, 2007.

GARRETT, Almeida. *Cartas íntimas. Obras completas de Almeida Garrett*. Vol. XXVII. Ed. revista, coordenada e corrigida por Theophilo Braga. Lisboa: Empresa da História de Portugal, 1904.

_____. *Obras completas*. 2 vols. Porto: Lello & Irmão, 1963.

_____. *O arco de Sant'Ana*. Ed. de Maria Helena Santana. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004.

_____. *Cartas de amor à Viscondessa da Luz*. Ed. de Sérgio Nazar David. Famalicão: Edições Quasi, 2007.

_____. *Da educação*. Ed. de Fernando Machado. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009.

_____. *Viagens na minha terra*. Ed. de Ofélia Paiva Monteiro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010.

_____. *Correspondência familiar*. Ed. de Sérgio Nazar David. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2012.

LIMA, Henrique de Campos Ferreira. “Casas onde, em Lisboa, residiu Almeida Garrett”. Separata de *Olisipo*, nº 8, Lisboa, 1939.

VALENTE, Vasco Pulido. *A revolução liberal: os devoristas*, Lisboa: Alêtheia, 2007.

VASCONCELOS, Ana Isabel P. Teixeira. *O teatro em Lisboa no tempo de Almeida Garrett*. Lisboa: Museu Nacional do Teatro, 2003.

MINICURRÍCULO:

Sérgio Nazar David é professor associado da UERJ, bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, membro da Associação Portuguesa de Escritores (APE) e autor de: *Onde moedas de chumbo* (poesia, 7Letras, 2001), *Freud e a religião* (ensaio, Zahar, 2003), *A primeira pedra* (poesia, 7Letras, 2006), *O século de Silvestre da Silva* (ensaio, 2 vols, Prefácio / 7Letras, 2007). Organizou as edições críticas de *Cartas de amor à*

Viscondessa da Luz (Edições Quasi, 2007) e de *Correspondência familiar* (Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2012), de Almeida Garrett.

Juliana de Souza Mariano é graduada em Letras e mestranda (UERJ). Foi bolsista de Iniciação Científica (CNPq) na preparação da edição crítica da *Correspondência familiar*, de Almeida Garrett (Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2012) e da *Correspondência a Rodrigo da Fonseca Magalhães*, também de Garrett, com previsão de publicação em 2015.